

O TEMA DO MAR NO MITO DE PROMETEU

Victor Hugo e Antero

ÁLVARO MANUEL MACHADO
Universidade Nova de Lisboa

Resumo

Neste breve apontamento teórico, o autor propõe-se abordar a relação entre *tema* e *mito*, partindo do tema do mar nas obras poéticas de Victor Hugo e Antero de Quental. Concentrar-se-á em questões metodológicas especificamente relacionadas com a Literatura Comparada, directamente decorrentes da sua prática de autor e de crítico literário, bem como da sua larga experiência de ensino; situará a sua reflexão no vasto campo de investigação das relações entre a literatura portuguesa e a literatura francesa no século XIX.

Abstract

In this short article, the author intends to study the relation between theme and myth, based on the theme of the sea in the poetry of Victor Hugo and Antero de Quental. He will focus on methodological subjects specifically connected with Comparative Literature, and based on his own creative and critical literary works, as well as on his vast teaching experience of Literature; The comparative relations between Portuguese Literature and French Literature of the XIX century will be his investigative field of study.

Palavras-chave: Antero de Quental, Victor Hugo, Mito, Tema, Literatura comparada

Keywords: Antero de Quental, Victor Hugo, Myth, Theme, Comparative Literature

1. Tema: função e actualidade

Neste breve apontamento teórico sobre a relação, sempre controversa, entre *tema* e *mito*, partindo do tema do mar nas obras poéticas de Victor Hugo e Antero de Quental, esclareço desde já que me concentrarei em questões metodológicas especificamente relacionadas com a Literatura Comparada, tal como a pratico e ensino há mais de trinta anos. Embora, note-se, as situe no vasto campo de investigação das relações entre a literatura portuguesa e a literatura francesa no século XIX.

Como reflexão introdutória, convém relevar que, apesar da polémica (implícita nas ambiguidades terminológicas), muitos teóricos têm explicitamente destacado a importância da função temática no processo criativo e na estrutura das obras literárias, sejam de que género forem, mesmo quando a crítica literária “erudita” a continua a olhar com alguma reserva.

Na verdade, a análise temática, mesmo desacreditada, continua a ser um elemento fulcral e, por assim dizer, inevitável. Lembremos que, para não falar do próprio século XIX, a abordagem temática da obra está no centro das reflexões teóricas de autores tão decisivos para o século XX (e ainda actualmente) como Auerbach ou Walter Benjamin, Bachelard ou Jean-Pierre Guichard. Mesmo admitindo que é afectado pelo fenómeno da polissemia, o tema, quer em Teoria da Literatura quer em Literatura Comparada, torna-se componente essencial do texto literário. Como sugerem alguns teóricos, sobretudo os que se situam na linha da narratologia, o processo temático apresenta principalmente dois aspectos. O primeiro diz respeito à dependência do tema relativamente ao (ou aos) motivo (s), enquanto elemento impulsionador do sentido extra-textual, sendo, portanto, susceptível de explicação sociológica, cultural, histórica ou psicanalítica. O segundo tem a ver com o investimento semântico que atinge o texto e que permite encontrar no tema a manifestação dos sentidos fundamentais que o estruturam e o justificam.

Assim sendo, poderíamos propor duas características básicas do tema: o seu carácter mais abstracto (evocar não um acontecimento preciso, uma personagem particular ou um conflito dramático específico – por exemplo, os temas do amor, da morte, do mar, da cidade, da montanha, da ilha, etc.) e, em certa medida, a sua universalidade. Esta tem a ver, não só com a sua condição de entidade abstracta e polarizadora de sentidos, mas também, talvez sobretudo, com a irradiação e a circulação histórico-cultural e geográfica que lhe é própria (o tema do mar é quanto a isso verdadeiramente paradigmático). Por conseguinte, os temas literários, não se confinando dentro de fronteiras cronológicas rígidas, não se esgotam num determinado período histórico, sendo retomado noutros, por vezes distantes, constituindo elementos recorrentes reinvestidos simbolicamente de diferentes maneiras, segundo o espaço cultural, o imaginário próprio e o momento histórico específico. Por outro

lado, numa mesma época, os temas circulam geograficamente e culturalmente, como o provam escritores coevos: por exemplo, o tema do adultério em Flaubert, Tolstoi e Eça de Queirós. E também deveremos atentar no facto de um tema geral, por exemplo, o messianismo, tomar formas particulares, conforme as determinantes histórico-culturais, baseando-se por vezes numa figura mítica criada a partir de factos históricos. Exemplo característico na literatura portuguesa é o do mito de D. Sebastião, que desencadeou o processo de formação do tema do sebastianismo.

Por último, tendo em conta a bibliografia recente na área da tematologia, podemos falar de renovação da análise temática através dos chamados Estudos Culturais. No entanto, convém notar que aí surge uma espécie de deslocamento da questão: a pergunta, de carácter essencialista “o que é o tema?” desloca-se para a pergunta “como é que descobrimos um tema num texto?”.

Seja como for, a análise temática (que implica também uma crítica temática) não deve ser considerada obsoleta, pois, como disse com justeza Georges Poulet no prefácio ao já clássico *Trois essais de mythologie romantique* (Poulet, 1966), ela tende a confundir-se com a história das ideias, dos sentimentos, dos imaginários dos povos de todo o mundo.

2. Tema e mito

Estas considerações teóricas gerais sobre o tema não nos podem fazer esquecer a sua relação teórica fundamental com o mito, antes mesmo de analisarmos especificamente o tema do mar inserido no mito de Prometeu nas obras poéticas de Hugo e Antero. Trata-se de uma relação frequentemente perversa, que tem levado alguns teóricos, como o belga Raymond Trousson (Trousson, 1981), a excluir (quanto a mim, de maneira excessivamente radical) a denominação *mito*, optando pelas de *tema* e *motivo*. Ora, como já tive a oportunidade de dizer, no livro escrito de parceria com Daniel-Henri Pageaux (Machado et Pageaux, 2001), embora haja um abuso da palavra *mito* (o tal “nada que é tudo”, como notou Fernando Pessoa na *Mensagem*), essa terminologia, defendida na actualidade pelo grande especialista e comparatista francês Pierre Brunel, deve ser conservada. O mito em literatura, conciliando o aspecto antropológico e o aspecto propriamente literário, é uma história viva, renovando-se sempre que a referência primitiva reaparece, sempre que uma nova história alimenta o imaginário antigo, transfigurando-o.

Nesse sentido, poderíamos também dizer que a mitologia clássica do Ocidente não deixou de ter importância nos diferentes romantismos europeus (apesar da sua oposição à estrutura mitológica das obras do neo-classicismo) como não deixa de ter importância no século XX e, como herança, neste início do século XXI. A este propósito, atente-se na reflexão desse portentoso pensador (e também comparatista) que é George Steiner, num

texto que serviu de lição inaugural da cadeira de Literatura Comparada em Oxford (cito a tradução francesa):

En Occident, l'art du XX^e siècle, la musique, le cinéma, la littérature n'ont cessé de faire retour à la mythologie classique: à Œdipe, à Electre, à Médée, à Ulysse, à Narcisse, à Hercule, à Hélène de Troie. [...] Quand les "post-modernes" déclarent aujourd'hui que "le moment est passé de raconter les grandes histoires", il vaut la peine de rappeler que le moment où l'on inventa ces grandes histoires est passé depuis fort longtemps; et aussi, comme dans la physique de l'"étrangeté", que le temps de la littérature est réversible: l'*Odyssée* maintenant vient après *Ulysse*... (Steiner, 1997: pp. 136-137)

Em suma: o mito, bem como o tema que nele se insere ou dele decorre, sendo anterior à literatura, é dela indissociável, pois a literatura é o grande meio de divulgação do mito, da sua permanência, do seu desenvolvimento e da sua actualização. Falar na permanência do mito e em particular dos grandes mitos da Antiguidade clássica ocidental, pressupõe, naturalmente, falar na análise dos temas e na sua evolução. Pressupõe falar em intertextualidade, em estética da recepção, em estruturas históricas, culturais e sociais. E, obviamente, não basta apurar o que foi transmitido e o que permaneceu: é fundamental saber por que é que o foi e como foi.

3. Tema do mar e mito de Prometeu: nostalgia da criação em Hugo e Antero

Passemos, enfim, a uma análise breve do tema do mar, no interior da mitologia prometeica oitocentista, patente em alguns poemas de Victor Hugo e do seu "discípulo" português Antero de Quental.

Antes de mais, lembremos que o mito de Prometeu é evocado na literatura clássica principalmente por Hesíodo, em *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*, e depois por Ésquilo, na tragédia *Prometeu agrilhado*, reaparecendo no *Protágoras* de Platão. Note-se: Ésquilo torna-se mais importante para a fundação do mito do que Hesíodo. Como diz Gilbert Durand, num texto editado em português (conferência "O regresso do mito", proferida a 10 de Março de 1981 no Instituto Francês de Lisboa), o fundador do mito não é necessariamente aquele que primeiro o abordou, sendo Ésquilo e não Hesíodo que criou literalmente Prometeu. E acrescenta, centrando o ressurgimento do mito prometeico no Romantismo, embora com raízes no século das Luzes:

do século XVIII ao século XIX houve [...] este entusiasmo pelo mito de Prometeu. Todos os autores, de Maistre a Marx, citam Prometeu [...] Ele é o Titã blasfemador,

como em Bakunine, que se transformará quase em Satã ou em Caim; é o revoltado, mas também é aquele que traz a técnica do fogo e a luz aos homens. Esse é o próprio fundamento, esses são os mitemas que constroem o mito de Prometeu (Durand, 1982: 22).

Lembremos ainda que o primeiro modelo plenamente romântico do ressurgimento do mito no século XIX, aquele que mantém mais semelhanças com o *Prometeu agrilhado* de Ésquilo e que respeita as matrizes do mito, foi o drama lírico em quatro actos de Shelley *Prometheus Unbond* (1818), nunca representado. Trata-se de uma espécie de exortação da condição humana, os deuses simbolizando para Shelley a crueldade, contra a qual o homem se deve revoltar. Nessa rebelião (*Prometeu libertado*, como o seria na segunda versão de Ésquilo, que, como a terceira, se perdeu) está o homem moderno, heróico, aperfeiçoado moralmente através do próprio sofrimento, acreditando no amor e numa Idade de Ouro por ele criada (influência evidente do primeiro romantismo alemão, sobretudo de Novalis). Há nisso uma mistura de estoicismo e de cristianismo utópico (Prometeu preso ao rochedo é como Cristo pregado na cruz), através de uma linguagem predominantemente lírica e de reflexão filosófica, com traços evidentes de um espinosismo panteísta e de uma exaltação da figura do poeta-profeta.

Ora, são precisamente estes dois últimos elementos da obra de Shelley que prenunciam a visão prometeica de Victor Hugo. Hugo, contrariamente a Goethe¹, não alude explicitamente ao mito de Prometeu nos seus poemas. No entanto, ao longo da sua vastíssima obra (e refiro apenas a obra poética), Hugo concebe e amplia a figura do poeta-profeta a partir de uma mitificação prometeica. Exemplo flagrante (e não poderemos, obviamente, alongar a análise a toda a obra poética de Hugo) é *Les rayons et les ombres*, obra datada de 1840, culminando a maturidade do poeta e, sem dúvida, o mais prometeico dos seus livros de poemas. Desde o prefácio, Hugo alude implicitamente ao mito de Prometeu, cristalizando no Homem (e não nos homens) o símbolo de toda a epopeica criação poética: “ce poète, ce philosophe, cet esprit, ce serait, disons-le ici, la grande épopée mystérieuse dont nous avons tous chacun un chant en nous-mêmes, dont Milton a écrit le prologue et Byron l'épilogue: le Poème de l'Homme” (Hugo, 1964: 237).

Ao longo do livro, Hugo desenvolve amplamente esta ideia, recorrendo frequentemente ao tema do mar relacionado com esta visão prometeica do mundo. Desde logo, no primeiro poema, “Fonction du poète”, em que Hugo exorta o poeta a compor os seus “chants inspirés” ouvindo “l'hymne des flots azurés” e navegando “Sans boussole et sans gouvernail”, como “un vaisseau qu'en décembre / Le pêcheur, du fond de sa chambre

¹ Cf., entre outros, o poema intitulado “Prometheus” *In* (1971), *Poésies*, vol. I. Paris: Aubier-Montaigne, pp. 242-247.

[...] / Entend la nuit passer dans l'ombre / Avec un bruit sinistre et sombre / De mâts frissonnants et penchés" (*ibid.*: 240). Outros poemas são, desde o título, expressão obsessiva desta temática marítima, como, por exemplo, "Oceano Nox", título também de um dos mais significativos sonetos de Antero, escrito já numa fase final de profunda angústia metafísica, evocando a "trágica voz rouca" do mar e o silêncio de Deus.

Mas o Antero predominantemente prometeico e, sem dúvida, influenciado pelo tema do mar no interior desse ressurgimento do mito de Prometeu, a partir de Victor Hugo, é o Antero das *Odes modernas* (1865, 2ª edição, refundida e aumentada, de 1875). Antes de mais, a longa ode "À História", na qual o poeta evoca o Homem como "estranho peregrino", que, "desde Prometeu a Jesus", "Também tem voz na onda do destino", "Sobre a praia dos tempos", "náufrago duma hora". A interrogação sobre o destino do Homem (sempre com maiúscula) atravessa o texto:

Ó areias da praia, ó rochas duras,
Que também prisioneiras aqui estais!
Entendeis vós acaso estas escuras
Razões da sorte, surda a nossos ais?
Sabe-las tu, ó mar, que te torturas
No teu cárcere imenso? e, águas
Em volta aos sorvedouros que vos somem,
Sabeis o que faz aqui o Homem?
.....
Se um dia chegaremos, nós, sedentos,
A essa praia do eterno mar-oceano,
Onde lavem seu corpo os pustulentos
E farte a sede, enfim, o peito humano? (Quental *in* Pires, 1987: 29-37)

Mas o final da ode não poderia ser mais prometeica e bem hugoliana, evocando a "águia esplêndida e augusta da Verdade" a erguer-se por sobre a imensidade do mar e encontrando-se com as "asas de águia" da Liberdade (*ibid.*).

Assim, concluindo esta breve reflexão de carácter comparatista, poderá dizer-se que tema e mito não se opõem, bem pelo contrário, completam-se, abrindo perspectivas mais vastas para a análise do complexo processo criativo em qualquer período literário.

Bibliografia

DURAND, Gilbert (1982). *Mito, Símbolo e Mitodologia*. Lisboa: Ed. Presença.

HUGO, Victor (1964). *Les chants du crépuscule* suivi de *Les voix intérieures* et *Les rayons et les ombres*. Paris: Gallimard.

MACHADO, Álvaro Manuel et PAGEAUX, Daniel-Henri (2001). *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Ed. Presença (2ª ed., revista e aumentada), pp. 100-112.

PIRES, A. M. B. Machado (1987). *Antero de Quental. Prefácio e antologia*. Angra do Heroísmo: Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

POULET, Georges (1966). *Trois essais de mythologie romantique*. Paris: J. Corti.

STEINER, Georges (1997). "Lire en frontalier". In: *Passions impunies*. Paris: Gallimard, pp. 136-137.

TROUSSON, Raymond (1981). *Thèmes et mythes – Questions de méthode*. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles.